

Falar em línguas

Tradução e transmissão

Trilce / Buenos Aires, Institución del Psicoanálisis
Texto de Enrique Tenenbaum

Lemos nos *Atos dos Apóstolos*: “Chegado o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar” - E aqui estamos, em vésperas de Pentecostes, juntos pela primeira vez após a pandemia.

O primeiro tradutor em tempo real que reuniu os falantes das línguas de Babel foi o Espírito Santo. Um magnífico tradutor multilíngue que ainda não foi ultrapassado, apesar dos desenvolvimentos tecnológicos dos últimos milénios.

Em Pentecostes, as línguas de fogo derramaram a graça da tradução simultânea de diversas línguas: “E todos os presentes ficaram cheios do Espírito Santo, começando a falar línguas que desconheciam, conforme o poder que o Espírito Santo lhes dava”; “o povo correu para ver o que se passava, e todos ficaram pasmados, pois cada um ouvia os discípulos falar na sua própria língua... Como é que os ouvimos falar nas línguas dos países onde nascemos?”

Possivelmente, pode-se supor, o Espírito Santo não hesitou em traduzir a língua de cada um para que cada ser humano os compreendesse, inequivocamente, e na sua língua materna.

O dom de falar em línguas é também uma graça. São Paulo, na sua primeira carta aos Coríntios, diferenciou o falar em línguas do falar profético. Se para rezar é conveniente deixar-se levar por aquela língua incompreensível “que fala em mim”, por outro lado, para se dirigir à assembleia, à igreja, é necessário falar numa língua que todos possam compreender. “Porquanto, quem se expressa em uma língua estranha, não fala aos homens, mas a Deus. De fato, ninguém o compreende, pois o Espírito fala mistérios”.

“O que fala língua estranha edifica-se a si mesmo, mas o que profetiza edifica a igreja... porque o que profetiza é maior do que o que fala em línguas, a não ser que também interprete, para que a igreja receba edificação”.

Os analistas, quando falamos na assembleia perante analistas supostos, na psicanálise em extensão, ou quando falamos perante não-analistas em outros campos, no mundo, falamos em línguas? Será que profetizamos?

A quem falou Lacan? Que recursos retóricos utilizou ele? Sempre da mesma maneira, a qualquer audiência? Claramente não. Não era o mesmo estilo quando ele se dirigia à elite da *École Normale Supérieure*, como quando fazia passar a psicanálise nas universidades da América do Norte. Hoje, o seu estilo seria o mesmo? Se fosse, teria o impacto que teve, a incidência que teve?

A questão para nós é se é possível, se é necessário, adaptar os termos e o estilo de transmissão aos tempos atuais, sem baixar o discurso, tentando salvar a verdade cortante de Freud.

O recurso Koiné

A simplificação das línguas não é nova, começou em Magna Grécia com o grego *Koiné*, o grego simples que podia ser compreendido pelos colonos, pelo homem comum. A *Septuaginta* é um dos resultados desta operação, com os efeitos que conhecemos.

Mais perto do nosso tempo, a transformação da língua alemã numa língua de propaganda e dominação teve lugar durante o Terceiro Reich, mas a ideia esteve destinada ao alcance global. “A língua do vencedor não é falada com impunidade... essa língua é respirada e vivida de acordo com ela”, diz Klemperer. Paul Celan, por seu lado, reinventando a língua alemã, não deixa de lhe chamar uma língua assassina.

A proibição de falar certas línguas ou dialetos espalhou-se pela Espanha de Franco como uma epidemia. O estabelecimento do inglês americano como língua franca significou e continua a significar um nivelamento – numa escala de empobrecimento – das línguas nacionais e regionais, a fim de permitir a globalização do *American way of speaking life* (da maneira americana de falar a vida).

Existe hoje, para a psicanálise, uma língua franca? Existe para sua transmissão uma língua lacaniana Koiné (feita simples para as colônias)? Ou, pelo contrário, consideramos bárbaros aqueles que não compreendem o jargão (confundindo o mistério – de falar em línguas – com o enigma)?

Humboldt já tinha assinalado que cada língua implica uma visão do mundo, uma entre outras, e cada vez que se deixa uma língua para entrar noutra há uma transferência da visão do mundo, de como as coisas são ditas. Não há ato de linguagem que não seja equívoco dado que envolve o ouvinte, que nunca entende a mesma coisa,

argumentou o primeiro linguista. Mais de uma língua habita em nós e isto exprime-se mesmo nas regras de cortesia na vida quotidiana – talvez não nas academias –, que fazem parte do gênio de cada um, da visão do mundo de cada língua. É isto que Bárbara Cassin nos diz quando passa pelas formas como dizemos *bom dia*, *adeus*, em cada língua em uso. Umberto Eco afirmou que a língua da Europa é a tradução. Henri Meschonnic assinalou que a Europa tem os seus textos fundadores em tradução.

Nós, latino-americanos recebemos os textos fundadores da psicanálise em tradução. O que significa isto para a nossa prática? É uma questão local, regional, ou é uma questão que afeta a todos os analistas praticantes?

Qual língua para a psicanálise?

A psicanálise nasceu em alemão. Poderia ela ter nascido em qualquer outra língua? Os procedimentos linguísticos que atraíram a atenção de Freud e que ele reconheceu em processos psíquicos inconscientes, tais como condensação e deslocamento, são próprios do processo inconsciente, ou são particularmente caraterísticos da língua alemã? O equívoco homofônico, que Lacan coloca como uma das três formas de equívoco, é um processo estritamente inconsciente ou reflete o gênio da língua francesa, que não é falada tal como é escrita? Em cada *língua* existem outros equívocos possíveis. O que podem dizer-nos a este respeito os nossos colegas da China, cuja língua não precisa de gramática e se assemelha, como disse Freud, à língua dos sonhos? Na língua espanhola, toda e qualquer letra escrita é – geralmente – pronunciada, um assunto que para um falante de francês é inaudito, bizarro: há letras que sendo escritas na língua francesa não são pronunciadas. Qual é a relação entre a língua como estrutura do inconsciente e a língua falada, em particular a língua da época?

Estamos a assistir a um mundo em que, graças à globalização, as línguas foram degradadas ao ponto de já não falarmos em línguas, mas em abreviaturas e *emojis*. Este empobrecimento acompanha a perda do próprio valor da fala. Há analisantes que consideram que estão a falar com os seus amigos e parentes porque escrevem mensagens uns aos outros, sem usar a voz nas comunicações através dos telefones celulares. O termo *telefone* em si tornar-se-á em breve um significante anacrônico. O smartphone deixará de ser um phone, será apenas um *smart*, deixará de servir o propósito da comunicação falada. Este empobrecimento não é, provavelmente, alheio ao crescente autismo na esfera social, como dissemos na Convergência em 2019: mal-estar na cultura, autismo na sociedade.

A língua alemã não é hoje uma língua da Convergência, o que é paradoxal

num Movimento em que a multiplicidade de enlaces imbricam-se com a pluralidade de línguas; mas a língua materna da psicanálise não é falada. E ainda temos de enfrentar a questão de qual é a nossa posição em relação à língua chinesa.

Cada vez que nós analistas nos encontramos, e ainda mais nas reuniões virtuais impostas pela pandemia, a questão da tradução surge sistematicamente e obriga-nos a tomar uma posição quanto à teoria da língua e linguagem com que trabalhamos, e portanto analisamos. Isto diz respeito de uma ética da transmissão.

A pluralidade de línguas tornou-se um sintoma para as reuniões de analistas durante a pandemia. A questão da tradução – simultânea, consecutiva – não diz respeito a uma economia de dinheiro, mesmo que a multiplicidade de línguas implique também uma multiplicidade de economias. Na nossa opinião, trata-se de tomar uma posição sobre o tratamento de um impossível, de uma tradução sem resto, de uma tradução pentecostal.

Quando se opta por uma tradução ligada ao sentido, por levar de uma língua para outra o conteúdo, como é chamado, permanece necessariamente não traduzido aquilo que exclui o sentido: o real de uma língua, aquilo que faz não só o gênio de cada língua, mas também o real do ato de dizer. *Que se disse* é assim também esquecido. Ou suprimida, se formos a extremos. Esta impossibilidade de uma tradução integral é indelével. Mas, como dissemos, também acontece que as coisas não são ditas da mesma forma na diversidade das línguas. Existem termos fundamentais do jargão analítico que ou passaram para o discurso comum, tornando-se banalizados – como o Complexo de Édipo para o Ocidente –, ou não têm qualquer correlação referencial – como o Complexo de Édipo para o Oriente.

O problema não reside na impossibilidade de uma tradução Pentecostal, mas no fato de pôr vezes a marca desta impossibilidade ser suprimida, para o colocar nos termos de Meschonnic: suprimir a marca e suprimir que seja suprimida, este é um procedimento que degrada a nossa prática quando se trata de tradução. Nós, falantes de espanhol, sofremos com a supressão das marcas do intraduzível no nosso acesso à palavra escrita ou transcrita de Freud e, acima de tudo, de Lacan. O chamado texto *estabelecido* degrada a possibilidade de leitura quando o que ele oferece não é um exercício de tradução, mas sim uma interpretação, ou mesmo uma versão, que abre o caminho, quer se passe por ele ou não, a uma per-versão em transmissão. É inevitável, claro, que haja uma versão do pai, de cada pai do texto em tradução. No entanto, notar as dificuldades e impasses inerentes a uma versão é uma posição ética, desconhecê-las ou ignorá-las é outra posição.

Assim, num extremo temos os psicanalistas pentecostais que falam em línguas, de tal forma que o seu discurso é incompreensível para os não iniciados – os leigos, os *idiotas* nos termos de São Paulo – e também para muitos iniciados. No outro extremo, temos os psicanalistas que falam no estilo dos *TED Talks*, em Koiné lacaniano.

Uma terceira via

Queremos mover o eixo para tratar este problema. Qual é o destino da psicanálise se esta não se tornar sensível às marcas da época, gerando assim – através de uma pretensa extraterritorialidade – uma rejeição total ou, no outro extremo, se acabar por se adaptar aos tempos de tal forma que se torne um sintoma esquecido mais cedo do que mais tarde? Sabemos, como a história continua a ensinar-nos, que a extraterritorialidade em nó mal dado com a assimilação é seguida de segregação.

Nem falar em línguas – extraterritorial – nem em Koiné lacaniano – assimilação. Nem devemos persistir na “manutenção quase-religiosa dos termos herdados” (Lacan). O nosso desafio é falar – isto é: praticar e teorizar – a psicanálise, tendo em conta os paradigmas – culturais, científicos, políticos – da época, e tentar transmiti-la num estilo que permita que a psicanálise perdure.

Não será tempo de tentar unir, no nosso discurso, os paradigmas com os quais os tempos nos desafiam?

Citações bíblicas retiradas do sítio web:

<https://www.biblegateway.com/passage/?search=Atos%202-8&version=OL>

<https://www.churchofjesuschrist.org/study/scriptures/nt/1-cor/14?lang=por>